

A formação do português brasileiro pela observação de expressões idiomáticas

The forming of Brazilian Portuguese through the observation of idiomatic expressions

Camila Correa Rocha*

Resumo

Postula-se que as expressões idiomáticas (EIs) do português são constituídas por palavras de línguas e falares diversos que estiveram presentes na formação do português do Brasil, o que será constatado pela observação da origem etimológica das palavras que constituem algumas EIs. Define-se expressão idiomática como um grupo frasal que não pode ser compreendido mediante a decomposição de seus termos, visto que seu sentido não é a somatória do significado das palavras que o constituem. A metáfora é o mecanismo pelo qual tais palavras perdem sua significação original em benefício do grupo fraseológico.

Palavras-chave: Expressão idiomática; Metáfora; Etimologia.

Introdução

As expressões idiomáticas (EIs) do português são constituídas por palavras de línguas e falares diversos que estiveram presentes na formação do português do Brasil. A partir dessa premissa, pretendemos analisar a origem etimológica das palavras que as compõem, bem como as alterações semânticas que sofreram seus termos, os quais se distanciaram do seu sentido literal em benefício do grupo fraseológico. Postulamos que as mudanças de significado sofridas nas palavras que compõem as expressões idiomáticas

* Doutoranda pela Universidade Estadual Paulista/UNESP.

decorrem da metáfora, a qual consideramos o fator semântico, por excelência, formador das EIs. Utilizaremos como aporte teórico os estudos de Ullmann (1964), Bueno (1967), Carvalho (1977) e Guiraud (1986), que abordam a semântica e questões relativas à significação.

A formação do português brasileiro

Segundo Carvalho (1977), as origens da língua latina – a principal fonte a partir da qual o léxico da língua portuguesa constituiu-se – remontam do século VII a. C. ao século V d. C. Situando o latim na História, ele esteve presente no período que vai desde a fundação de Roma até a queda do Império Romano do Ocidente. De acordo com Bueno (1967), essa língua procede de um grupo de idiomas denominado “Indo-europeu”, composto pelo grego, sânscrito, persa, eslavo, entre outros.

Em Roma, o latim era subdividido em duas modalidades: o latim clássico, que consiste na modalidade escrita, usada pela sociedade culta e ensinada nas escolas, e o latim vulgar, de que se utilizava o povo despreocupado e inculto. Esse último, do qual procedem as línguas românicas, entre elas, a língua portuguesa, “mantém-se entre o latim literário, língua artificial e fixa, e o latim do povo campestre bem como das gírias cidadinas.” (BUENO, 1967, p. 23).

A Península Ibérica era habitada, antes que Roma a invadisse no século III a. C., por iberos, celtas, fenícios, gregos e cartagineses, povos denominados por Bueno (1967) como *substratum*. Os cartagineses pretendiam apoderar-se do solo peninsular, o que levou os romanos a invadirem e dominá-lo, a fim de conterem a expansão de Cartago no local: “(...) essa dominação, no entanto, não foi apenas político-militar, mas, principalmente, cultural. Roma, paralelamente à sua conquista territorial, ia realizando a conquista linguística, impondo aos povos a sua língua: o Latim.” (CARVALHO, 1977, p. 20).

Com a invasão romana, a Península Ibérica chegou ao século V da era cristã romanizada, e sua língua, o latim vulgar, difundido e adotado como

língua oficial. Segundo Bueno (1967), o latim se sobrepôs às demais línguas locais por ser a que foi imposta pelos vencedores, entretanto, as falas próprias de cada lugar coexistiram com ele, ainda que em escala cada vez mais descendente. Porém, nesse mesmo século, o solo peninsular foi invadido por povos bárbaros e, como consequência, o império romano fragmentou-se, de modo que o latim vulgar passou a desenvolver-se de forma independente em cada região. Às formações dialetais oriundas da fragmentação do império romano dá-se o nome de línguas românicas, ou seja, línguas que evoluíram do latim vulgar, como o português, o espanhol, o italiano etc.

Por ser uma língua românica, a maior parte dos vocábulos que compõem a língua portuguesa é de origem latina. No tocante ao português do Brasil, inicialmente, coexistiram o léxico trazido pelos colonizadores e o léxico tupi-guarani que aqui existia. Entretanto, com o aumento do número de colonizadores, o português foi se sobrepondo à língua indígena até tornar-se a língua padrão. No entanto, apesar de o português do colonizador se sobrepor, pode-se dizer que a língua portuguesa do Brasil é o resultado de contribuições do tupi-guarani, das línguas africanas e, mais tarde, de contribuições imigratórias. Para Bueno (1967), a influência do tupi-guarani foi a maior, sendo inúmeros os empréstimos referentes a nomes de lugares, à fauna, à flora, a produtos caseiros e utensílios familiares. Quanto às línguas africanas, suas contribuições foram menores que as indígenas.

Por outro lado, à medida que o português ia se estendendo por todo o Brasil, foram surgindo grupos sociais separados por enormes distâncias e por acidentes geográficos de difícil transição, cada qual com necessidades imediatas de comunicação, o que resultou em diferenciações semânticas, conforme expõe Bueno (1967). Nesse contexto de estruturação do português no Brasil, foram sendo criados, além de unidades lexicais simples, grupos frasais complexos, de significação conotativa, como as expressões idiomáticas, que serão tratadas a seguir.

As expressões idiomáticas

Entendemos por expressão idiomática uma unidade lexical que não pode ser compreendida mediante a decomposição de seus termos, visto que seu sentido não é a somatória do significado dos elementos que a constituem, conforme a definição proposta por Tagnin (1988). Para Xatara (1998), as Els são constituídas por relações metafóricas e metonímicas que as distanciam de seu sentido literal e revelam um mundo simbólico que exprime julgamentos sociais.

Pretendemos, neste trabalho, analisar a origem etimológica das palavras que compõem as seguintes Els da língua portuguesa: “ser um cavalo”, “meter a mão em cumbuca”, “ir pra farra”, “estar na pindaíba” e “dar uma raquetada”. Partindo da premissa de que sua constituição e significação são frutos do contato entre as línguas que estiveram presentes na formação do português do Brasil, objetivamos explicar a alteração do sentido sofrida pelas palavras que as compõem, com base nas considerações explicitadas no tópico seguinte.

Alterações semânticas e metáfora

Segundo Guiraud (1986), a comunicação postula que há um nome para cada sentido, bem como um sentido para cada nome, ainda que fenômenos como a polissemia e a homonímia provem o contrário. Segundo esse autor, cada palavra possui um sentido de base e um sentido contextual, que é evocado e atualizado em determinado contexto: “O sentido de base e o sentido contextual não se superpõem; há sempre um único sentido em uma situação dada, o sentido contextual; à palavra em seu contexto corresponde uma única imagem conceitual.” (GUIRAUD, 1986, p. 35).

Por outro lado, o autor atenta para o fato de que, ainda que haja sempre um único sentido em uma dada situação, as palavras podem carregar conotações,

denominadas por Guiraud (1986) como “associações extranocionais”, que vão transmitir valores expressivos, emoções, desejos, julgamentos e intenções do falante.

Para Ullmann (1964), de todos os elementos que a semântica abarca em seu estudo, a significação é o que menos resiste às mudanças. Entretanto, independente das causas que as produzem, o autor ressalta que deve haver uma relação entre o significado antigo e o significado novo da palavra, ou seja, é condição necessária que haja algum tipo de associação entre eles.

A metáfora é um dos recursos a partir do qual novos significados são criados por meio de associações. Ullmann (1964, p. 442) concebe-a como

(...) um fator primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinônimos e de polissemia, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário, e em diversos outros papéis.

A metáfora constrói-se com base em semelhanças mentais entre o sentido original de uma palavra e o seu sentido novo, decorrente do primeiro. Nas palavras de Marques (1990, p. 156),

(...) a relação metafórica seria uma relação de predicação identificacional, x é y, que se estabelece com base em alguma associação atributiva, frequentemente entre elementos concretos e abstratos ou entre processos mentais cognitivos ou perceptivos e processos materiais ou sensoriais.

A autora explica ainda que os processos metafóricos são uma das maneiras pelas quais são expressos significados de forma incomum.

Usos metafóricos são usos comuns nas línguas. Diante de enunciados em que ocorrem metáforas, ou incompatibilidade entre os significados usuais de palavras, os falantes procuram, naturalmente, ajustar os significados das palavras ao contexto, à situação, a fim de entender, interpretar o significado global dos enunciados, sempre a partir do pressuposto de que o uso da língua em enunciados discursivos tem a finalidade de dizer alguma coisa, veicular significados que permitem a intercomunicação. (MARQUES, 1990, p. 156).

Carnoy, citado por Bueno (1967), subdivide as metáforas em perceptivas, sinestésicas, afetivas e pragmáticas. As metáforas perceptivas são aquelas que estabelecem semelhanças entre imagens por suas formas e cores, como as associações feitas com os animais. Ao dizer, por exemplo, que um automóvel parece uma baratinha, tem-se por base uma metáfora perceptiva. Já as metáforas sinestésicas constituem-se pela transferência de imagens para outro sentido que não a visão, como quando se diz que determinado cheiro é gostoso ou que um perfume é doce. As metáforas afetivas, por sua vez, estão presentes na linguagem afetiva e são construídas por analogias entre estados da alma, cores, objetos e seres. A palavra canalha, por exemplo, prende-se a cão, daí dizer-se que determinado homem é um cachorro, como exemplifica Carnoy, citado por Bueno (1967).

A última classe de metáforas, a das pragmáticas, tem por finalidade fazer com que o interlocutor compreenda mais vivamente o pensamento que lhe está sendo dirigido. Bueno (1967, p. 203) define as metáforas pragmáticas como “símbolos evocados na linguagem diária porque tais símbolos dizem com maior precisão e força significativa aquilo que se quer dizer”. Quando se diz que uma pessoa passou um sabão em outra, consegue-se, por meio da comparação com fatos e elementos da vida comum, a compreensão imediata da ideia que se pretende transmitir com a praticidade procurada pelos símbolos utilizados na comparação.

Ullmann (1964) aponta seis fatores que favorecem as mudanças semânticas, acrescentando três aos três já propostos por Meillet (1975). O primeiro fator atribui as mudanças semânticas à forma descontínua como a língua é transmitida de uma geração para outra. Além de tal descontinuidade, a imprecisão do significado, causada pela falta de familiaridade com as palavras, corrobora para que haja alteração. Por outro lado, pode acontecer de palavras perderem sua motivação etimológica e seu sentido desvencilhar-se do de sua origem, condições essas propícias a alterações de sentido, segundo Meillet (1975). Somam-se a elas a polissemia, os contextos ambíguos e a estrutura do vocabulário, sendo este último, para Ullmann (1964), o fator mais importante, dada a instabilidade do léxico das línguas.

Para que ocorra a alteração de sentido, Bueno (1967) aponta duas condições: a descontinuidade na transmissão do vocábulo e a percepção de um ponto em comum para o estabelecimento de novas associações. Já a descontinuidade, ocorre quando há uma interrupção no sentido primitivo de uma palavra, o que resulta na quebra da continuidade de sua transmissão, que reaparece na geração seguinte com um novo significado. Essa primeira condição pode ser exemplificada com a palavra “salário”, cujo significado inicial era um punhado de sal que servia de base estimativa para a avaliação do trabalho do operário, mas que passou a ser o nome do pagamento pelo trabalho. A segunda condição para que ocorra a alteração de sentido, e que está diretamente relacionada à primeira, é a associação de ideias. O deslocamento da significação de uma palavra ocorre porque a mente humana liga o seu significado primitivo a outro, que, com ele, mantém uma relação. Bueno (1967, p. 182) explica que, “muitas vezes, a deslocação da palavra é tal que passa a tomar significação muito oposta, tomando por base apenas a percepção de um ponto comum que favoreceu a associação das ideias”, e esse processo ocorre pela ação da metáfora.

De acordo com Bueno (1967), quando um grupo torna-se uma nação, a língua, que é um fato social, sofre alterações. “Se a sociedade fosse perfeitamente homogênea, as palavras teriam sempre a mesma significação, mas, na aparente homogeneidade de uma nação existe completa heterogeneidade de grupos sociais.” (BUENO, 1967, p.183).

Como consequência dessa heterogeneidade social, as palavras podem associar-se de maneira conotativa para transmitirem emoções, desejos, assim como valores sociais e culturais do contexto social no qual são empregadas. É o que acontece com as expressões idiomáticas, unidades lexicais conotativas, pertencentes à linguagem figurada, cujas palavras que as compõem perdem sua significação primitiva e assumem, no conjunto, um sentido global que postulamos ser metafórico, para transmitirem de maneira mais enfática aquilo que a linguagem denotativa não o faz com o mesmo efeito.

As alterações semânticas explicitadas até aqui acontecem no que a língua portuguesa chama de *semantema*, que é, segundo Bueno (1967), o elemento

que encerra a ideia, a significação da palavra. O referido autor propõe que os semantemas sejam estudados para que se consiga compreender o significado atual das palavras, em conformidade com a sua origem etimológica. Segundo ele, é por meio do critério semântico que se pode observar o nexo que há entre a significação primitiva de uma palavra e a evolução de sentido ocorrida, considerando que “podem as palavras revestir-se de novas significações em suas transformações fonéticas e peregrinações de idioma para idioma.” (BUENO, 1967, p. 176).

O construto teórico acima exposto justifica a necessidade de que as Els sejam abordadas, neste estudo, sob uma perspectiva semântica, mas também etimológica. Para Carvalho (1977), atribuir aos vocábulos força de expressão e adequação de sentido, além de ser objeto de estudo da semântica, também o é da etimologia, assunto que será abordado a seguir.

Etimologia e semântica

A etimologia é uma das mais antigas vertentes da Linguística. A semântica, por outro lado, é uma disciplina jovem, que obteve sua independência em meados do século XIX. Em 1825, aproximadamente, Reisig, em seus estudos de filologia latina, destacava a necessidade de que houvesse uma ciência cujo foco fosse a evolução do significado das palavras e os princípios que a regem – a semasiologia, como ele nomeou a semântica naquele momento.

Posteriormente, em 1883, Michel Bréal atribuiu-lhe o nome de semântica, “plantó los cimientos teóricos de la nueva ciencia y aseguró su difusión internacional” (ULLMANN, 1973, p.35), além de abrir caminhos para que ela começasse a oferecer contribuições para as pesquisas etimológicas, no sentido de postular que, ao se construir a história de uma palavra, esta deve ser considerada em relação com outras.

Assim, sob a perspectiva semântica, os estudos etimológicos passaram a considerar as palavras, quer pelo som, quer pelo sentido, numa rede de

associações, de modo que os etimologistas contemporâneos, além de atentarem para sua origem, levam em conta as transformações por que elas passaram, a fim de explicá-las. Nessa perspectiva, cabe à semântica, “(...) a tarefa de fazer a história das palavras e das estruturas à luz dos dados da história e das leis da significação.” (GUIRAUD, 1986, p. 130).

Outra implicação dos estudos semânticos nos etimológicos foi a noção de que as palavras podem ser motivadas. Depois de muitas discussões, concluiu-se que, em qualquer idioma, há vocábulos motivados e outros convencionais, como explica Ullmann (1973). No caso dos que são motivados, tal motivação pode ser: a) fonética, como ocorre com as palavras onomatopaicas, nas quais há correspondência entre os sons e o sentido; b) morfológica, em algumas palavras compostas; c) e semântica, quando, por semelhança entre o significado concreto e o abstrato que lhe foi atribuído, ela é usada em sentido metafórico.

Do exposto, podemos concluir que a semântica influenciou a etimologia, no sentido desta evoluir de um estudo limitado à origem das palavras, as quais eram consideradas de forma isolada, para uma abordagem interacional. Sob essa nova perspectiva, os etimologistas passaram a considerá-las associadas a outras. Graças ao suporte semântico, a etimologia contemporânea atentou-se para o fato de que há, em qualquer idioma, palavras convencionais e palavras motivadas.

Nosso objeto de análise consiste em uma pequena amostra de unidades lexicais complexas que consideramos motivadas semanticamente – as expressões idiomáticas.

Análise das expressões idiomáticas

As expressões idiomáticas a serem analisadas foram selecionadas de um glossário composto por aproximadamente 650 EIs, elaborado em momento anterior de pesquisa. Interessa-nos demonstrar, por meio da análise dessa

pequena amostra, que: a) as Els formaram-se do contato entre as línguas que participaram da formação do português brasileiro; e b) a metáfora é o fator semântico, por excelência, formador do sentido figurado das Els.

No quadro abaixo, são apresentadas as 5 Els pela palavra-chave a partir da qual elas serão investigadas nos dicionários etimológicos.

Palavra-chave da expressão idiomática	Expressão idiomática
CAVALO	Ser um cavalo
CUMBUCA	Meter a mão em cumbuca
FARRA	Ir pra farra
PINDAÍBA	Estar na Pindaíba
RAQUETADA	Dar uma raquetada

A primeira é “ser um cavalo”. Segundo Bueno (1967), a palavra “cavalo” é proveniente do celta, uma língua cujo povo habitava a Península Ibérica antes da chegada do latim trazido pelos colonizadores. Juntamente com os iberos, os fenícios, os persas e os cartagineses, os celtas formaram o *substratum* – o conjunto de falares existentes anteriores à dominação de Roma. Cunha (1986), diferentemente de Bueno (1967), explica, em seu dicionário etimológico, que essa palavra provém do latim *caballus*, no século XIII.

Nessa expressão, as palavras que a constituem têm seu significado primitivo alterado em benefício do grupo frasal, por meio da associação de ideias, ou seja, pela relação, fundamentalmente psicológica, que há entre o cavalo e o homem, a quem se atribui a característica do animal. Bueno (1967, p. 182) ressalta a importância de haver essa relação entre o sentido primitivo e o que dele decorre: “se não houver nela um fundamento psicológico pelo qual a mente humana possa ligar o seu primeiro significado a outro dele decorrente ou com ele relacionado, não se dará alteração semântica”.

Destacamos que esse processo só é possível pela ação da metáfora, especificamente da metáfora afetiva, conforme a classificação de Carnoy, citado por Bueno (1967), visto que a comparação do homem com o cavalo tem um sentido depreciativo e ocorre por analogia entre o estado de alma, ou seja, aquele que é um cavalo é grosso, rústico, como o animal quando dá um coice.

Segundo esse tipo de metáfora, “a força imaginativa do povo descobre semelhança entre o físico do homem e o dos animais, entre certos defeitos ou qualidades destes e os defeitos e qualidades daquele” (BUENO, 1967, p. 202).

Outra EI objeto de análise é “meter a mão em cumbuca”. Bueno (1967) explica que a palavra “cumbuca” é proveniente do tupi-guarani e consiste num tipo de cuia ou recipiente. No que concerne à influência do elemento indígena no léxico do português do Brasil, o autor destaca que a quantidade de palavras indígenas deu à língua do Brasil uma feição que a distinguiu de Portugal.

Para Cotrim (2005), a palavra “cumbuca” veio do tupi *cuiambuca*, que é um recipiente utilizado pelos índios para a captura de macacos. Os indígenas amarravam a cumbuca em uma árvore com uma banana dentro para capturá-los. Essa expressão, cujo sentido é envolver-se num problema, constitui-se de uma metáfora pragmática, cuja finalidade é proporcionar ao interlocutor uma compreensão mais viva do pensamento. Em outras palavras, são evocados símbolos da linguagem diária, nesse caso, provenientes do tupi-guarani, para tornarem mais significativa e expressiva a ideia de se envolver em um problema. Como expõe Bueno (1967, p. 203), “todas essas comparações com fatos e coisas da nossa vida comum possuem muita força de significação e um interlocutor compreende imediatamente o pensamento do outro”.

Na expressão “ir pra farra”, a palavra “farra” perde sua significação inicial e passa a adquirir uma nova, mas relacionada à primeira, como explica Bueno (1967, p. 185):

Quando em Roma o casamento se assemelhava a um rapto e as cerimônias mais ruidosas se faziam à noite, com vários dias de verdadeira orgia, *farreus*, era o nome do pão que simbolizava o casamento; mas onde houvesse casamento, haveria os desmandos naturais de quem muito bebe e pouco come; de *farreus*, se derivou *farreio*, *farreação*, *farra*.

Para Cunha (1986), a palavra farra é de origem obscura, podendo tratar-se de um vocábulo onomatopaico. Com base na divisão das metáforas proposta por Carnoy, citado por Bueno (1967), essa EI é formada por uma metáfora pragmática, pois, segundo o referido autor, consiste na evocação de símbolos

da linguagem do cotidiano, com vistas a tornar mais preciso e significativo aquilo que se quer dizer.

Também analisamos a EI “estar na pindaíba”. Como explica Bueno (1967), “pindaíba” é uma palavra de origem indígena. Em Bueno (2003), encontramos duas teorias sobre a origem do termo: na primeira, ele é proveniente da junção do tupi *pindá* (anzol) com *iwa* (vara), resultando em vara de pescar. Assim, “estar na pindaíba” significaria ter somente uma vara de pescar nas mãos e nada mais. De acordo com a segunda teoria, o termo provém da palavra *mbindaíba*, do quimbundo – língua falada em Angola – que é formada pela junção dos termos *mbinda* (miséria) e *uaíba* (feia), ou seja, muita miséria. Já Cunha (1986) explica que a palavra é a junção de *pina* (anzol) com *iua* (haste).

Cotrim (2005, p. 62), por outro lado, ressalta que “pindaíba é uma espécie de planta. O nome vem do tupi *pindá* (anzol) e *yba* (vara)”. Segundo ele, quando os indígenas não pescavam nada, voltavam para suas casas na pindaíba, ou seja, de mãos abanando, o que vai de encontro com as definições anteriores do termo “pindaíba”.

Com base na divisão das metáforas proposta por Carnoy, citado por Bueno (1967), “estar na pindaíba” é uma metáfora pragmática, pois a palavra “pindaíba” é evocada por dizer, com maior precisão e expressividade, que não se tem nada, que se está na miséria.

Por fim, a EI “dar uma raquetada” exige que se conheça a imagem que encerra sua significação, a de dar um tapa, uma bofetada em alguém. Segundo Bueno (1967), a palavra “raquete” provém do árabe *rahal*, que significa mão. Inicialmente, o tenista jogava com a mão limpa e, com o passar do tempo, “inventaram o instrumento, deram-lhe o mesmo nome de mão, comparando-os entre si.” (BUENO, 1967, p. 200). Segundo Cunha (1986), a palavra “raquete”, do francês *raquette*, é derivada do latim *rasceta* (palma da mão). Esta, por sua vez, originou-se do árabe vulgar *rahet* (clássico *rahat*). Essa expressão encerra, portanto, uma metáfora perceptiva, visto que, por meio da associação de ideias, a imagem da raquete remete à mão, ou seja, há semelhança entre as respectivas formas.

Considerações finais

Pretendemos, com uma análise semântica e etimológica desse pequeno *corpus*, demonstrar que as expressões idiomáticas do português são resultantes do contato entre as línguas e os falares que coexistiram no período de romanização da Península Ibérica, do latim, do qual provém a maior parte dos vocábulos do português, mas também do celta, do árabe e do tupi-guarani, cuja influência foi significativa no léxico do português do Brasil. Constatamos, também, que elas preservam os traços etimológicos das palavras que as compõem, ainda que tenham sofrido alterações semânticas resultantes da ação da metáfora.

Abstract

It is postulated that the idiomatic expressions (IEs) in Portuguese are formed by words from various languages and sayings that have been present in the forming of Brazilian Portuguese. This will be confirmed by the observation of the etymologic origin of words which form some IEs. An idiomatic expression is defined as a phrasal group that cannot be understood by decomposing its terms, as its meaning is not the sum of the meanings of the words which form it. The metaphor is the mechanism through which such words lose their original meaning to the benefit of the phrasal group.

Keywords: Idiomatic expression; Metaphor; Etymology.

Referências

BUENO, F. da S. **Estudos de Filologia Portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1967.

BUENO, M. **A origem curiosa das palavras**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

CARVALHO, D. G. **Gramática Histórica**: para o 2º grau e vestibulares. 12. ed. São Paulo: Ática, 1977.

COTRIM, M. **O pulo do gato**: o berço das expressões populares. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

CUNHA, A. G. da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUIRAUD, P. **A semântica**. 4. ed. São Paulo: Difel, 1986.

MARQUES, M. H. D. **Iniciação à semântica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

TAGNIN, S. E. O. A tradução dos idiomatismos culturais. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 11, p. 43-52, 1988.

ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

ULLMANN, S. **Lenguaje y estilo**. Madrid: Aguilar, 1973.

XATARA, C. M. O campo Minado das Expressões Idiomáticas. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 42, n. esp. p. 147-159, 1998.